

UMA ABORDAGEM DA INTELIGÊNCIA AFETIVA: Supostos epistemológicos da pesquisa científica, da educação biocêntrica

Prof. Dr. AGOSTINHO MARIO DALLA VECCHIA⁴

INTRODUÇÃO

Inteligência afetiva é uma categoria fundamental dentre os pressupostos epistemológicos e pedagógicos para o desenvolvimento da pesquisa biocêntrica, para a educação biocêntrica, para uma economia autossustentável e solidária, para a fundamentação e consolidação da democracia. Ela está ligada na raiz da concepção de vida como centro da nova visão biocêntrica de mundo. Inteligência afetiva está no núcleo da concepção e do processo de articulação econômica, no cerne da política do amor, no coração da ação educativa, no núcleo da família, etc.

A Inteligência Afetiva é a inteligência e a compreensão da realidade a partir de uma postura amorosa que impregna a vida do edu-

⁴ Mestre e Doutor em História
Professor Universitário aposentado
Facilitador pela International Biocentric Foundation
Facilitador Didata em formação

gador, do trabalhador, do político, dos pais de família orientando a ação no mundo centrada na vida. É a visão do coração perpassada pela sensibilidade ética de cuidado pela vida em suas infinitas formas.

Queremos destacar aspectos da Inteligência afetiva para situá-la principalmente em nível da investigação e do processo educativo complexo e integrado à vida.

A afetividade determina a evolução completa do ser humano, desde a vida intrauterina à maturidade. A inteligência tem sua base estrutural na afetividade. Os processos de adaptação ao meio, a construção do mundo se organizam em torno das protovivências afetivas. Há uma inteligência emocional. A capacidade de aprender, a memória, as percepções são condicionadas pela afetividade. As motivações existenciais que desenham nossa trajetória na vida são de natureza emocional. Assim, a estrutura seletiva, as preferências e o juízo estético são influenciados pela afetividade (TORO, 1999:13).

A afetividade é a inteligência cósmica. A inteligência ética não é intelectual. Na Analética Dussel também fala do ponto de partida essencial da ética que é a percepção do outro na condição de vítima, na pobreza, na miséria, na marginalidade, caído e explorado (DUSSEL, 2000). A inteligência ética tem suas origens na forma de organizar estruturalmente o mundo e a relação com os outros. O gênio da espécie não é a inteligência e sim a afetividade orientada à tolerância, à compaixão, à amizade e ao amor. A afetividade é a raiz nutritiva da vida (TORO, 1999:13).

“Nossa sociedade tem uma patologia afetiva ostensiva” (TORO, 1999:13). “A aprendizagem da linguagem, da literatura, da poesia, da arte, possui uma gênese afetiva” (TORO, 1999:13). Reiteramos a ideia de que é necessário que a educação considere a afetividade sadia e trabalhe integralmente com ela, mas considere também as suas patologias para atuar de forma pertinente e eficaz. A falta de

amor a si mesmo gera autodestruição. A segunda forma patológica é a dificuldade de contato-comunicação. Outra patologia é a intolerância frente à diversidade gerando domínio e submissão. Outra doença de nossa cultura é o egocentrismo e o individualismo vinculados à ideia do ser como ter e como poder. Um representante da visão holística no Brasil, Pierre Weil, afirma que “esses padrões (sociais) calcados na tendência à autoafirmação excessiva, da sociedade dominada pelo paradigma mecanicista, implicam poder, controle e dominação dos outros pela força, numa classe organizada dominante em posições de poder mantidas de acordo com hierarquias sexistas e racistas, na ênfase da competição e não na cooperação, e no endeusamento de uma tecnologia que tem como meta o controle a produção em massa e a padronização” (Cf. TAVARES, Clotilde, 2000:62).

Essas patologias, umas individuais e outras sociais, devem ser consideradas na educação. Ignorá-las é desvincular-se da realidade, é abrir espaço para um processo desagregador provocado pela pessoa que trabalha em sala de aula e no contato com os colegas.

A incorporação do conhecimento não é um processo de informação e memorização. A aprendizagem da ciência, da técnica e da linguagem, assim como o refinamento nas artes, se produz por atos de construção e reconstrução. O treinamento no pensamento crítico e no raciocínio lógico-matemático e um processo complexo de elaboração mental que requer a redescoberta do conhecimento e não somente sua transmissão.

1.0 que caracteriza a Inteligência afetiva? Dimensões de uma compreensão complexa.

Capra, ao falar da natureza dos sistemas vivos, tem duas ideias sobre a vida: uma ele chama “do ponto de vista dos padrões”, a outra de “ponto de vista da estrutura” e na integração dessas duas numa

terceira “do ponto de vista dos processos”. Ao falar do sistema social vai incluir uma quarta “do ponto de vista do significado”.

Quando estudamos os sistemas vivos do ponto de vista da forma constatamos que o padrão de organização é o de uma rede autogeradora. Sob o ponto de vista da matéria, a estrutura material de um sistema vivo é uma estrutura dissipativa, ou seja, um sistema aberto, evolutivo. Por fim, sob o ponto de vista do processo, o sistema vivo é um sistema cognoscitivo intimamente ligado ao padrão de autopoiese. Essa é a nova compreensão científica da vida (CAPRA 2002: 84).

Pessoa humana e organizações - É a natureza do sistema vivo da pessoa que dá estrutura formal à Inteligência Afetiva. O ser humano constitui um sistema vivo tendo um padrão afetivo de organização –, um padrão em rede, na sua estrutura genética – que desencadeia os processos de relações afetivas em rede, articuladas por uma cognição originária dos sentidos, dos instintos, das emoções, dos sentimentos, da razão, gerando estruturas de relações- em pares, grupos, organizações que se unem pelos vínculos, proteção, segurança e objetivos os quais cumprem a finalidade de expressão e desenvolvimento da amizade, do amor; a finalidade de realização dos objetivos do grupo, da organização. A rede afetiva é imaterial, mas sua expressão são os grupos, as organizações. Os grupos, as redes de organização formam estruturas dinâmicas, vivas, dissipativas. Por isso eles sempre estão em evolução, assim como um ser vivo.

A afetividade é a força viva geradora de todas as dimensões, inclusive do padrão de organização das relações humanas. Ela se configura no código genético. Essa cognição em rede permeia os sentidos do olfato, da visão, da audição, do paladar, da sensibilidade da pele; permeia as emoções, a vivência do contato e do vínculo; permeia os sentimentos e a razão. Quando o ser humano age, sente e pensa de forma integrada pela afetividade em todos esses elementos ele está agindo, sentindo, vivendo e pensando por uma inteligência

afetiva, a mesma que permeia e rege todo o cosmo. É a inteligência da vida que se caracteriza fundamentalmente pela amorosidade. Podemos dizer que é a mesma inteligência que permeia a vida íntima e os processos químicos de uma célula, de um órgão, de um tecido, de um organismo, de um grupo, de uma organização, de um ecossistema do planeta, do cosmo, do universo. É o que Rolando Toro chama de Inteligência biocósmica.

A Afetividade tem um padrão específico de relações entre: processos químicos, processos instintivos, processos emocionais/sentimentais, processos mentais. Ao estudar a Inteligência afetiva Rolando Toro fala de numerosos estudos experimentais que estabeleceram relações profundas entre o “mundo emocional” e a inteligência. Diz Rolando: “Na realidade, a inteligência faz parte de todas nossas funções e de nossa história existencial. Pensamos não somente com o cérebro, mas com todo nosso corpo”. O conceito de inteligência experimentou notáveis modificações através do tempo. Etimologicamente, a inteligência designa a função cognitiva (do Latim “cognitivo”: reconhecer).

Gardner identificou as inteligências linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Postula que essas competências intelectuais são relativamente independentes, têm sua origem e limites genéticos próprios e substratos neuro-anatômicos específicos e dispõem de processos cognitivos próprios. Segundo ele, os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências e maneiras diferentes com que elas se combinam e organizam e se utilizam dessas capacidades intelectuais para resolver problemas e criar produtos. Gardner ressalta que, embora estas inteligências sejam, até certo ponto, independentes uma das outras, elas raramente funcionam isoladamente. Embora algumas ocupações exemplifiquem uma inteligência, na maioria dos casos as ocupações ilustram bem a necessidade de uma combinação de inteli-

gências. Por exemplo, um cirurgião necessita da acuidade da inteligência espacial combinada com a destreza da cenestésica.

Essas denominações da inteligência não são, em absoluto, satisfatórias nem rigorosas, mas têm o mérito de uma profunda intuição sobre a complexidade da inteligência (Rolando Toro - Apostila Afetividade). Gardner e Damásio falam da influência dos sentimentos na função lógico-racional e isto já é um progresso conceitual em relação ao papel atribuído às emoções. Os sentimentos são modos de sentir, sistemas de tendências, predisposição a sentir determinadas emoções.

A inteligência afetiva não é um tipo especial de inteligência. Todas as formas diferenciadas de inteligência motora, espacial, mecânica, semântica, social, etc., têm uma fonte comum: a Afetividade. Penso que o fator permanente que integra e dá estrutura à inteligência como função global, é a afetividade. R.Toro

2. Natureza Complexa da Inteligência afetiva:

2.1.A forma da Inteligência Afetiva

Começamos pelo *padrão de organização*, que se reflete na configuração das relações e dos conhecimentos entre os outros componentes do “sistema” (processo, estrutura e significado) como uma rede auto-organizadora. O padrão de organização, segundo Capra (2002), determina o processo das relações que se estruturam dentro de um organismo, de uma organização a partir de um sentido identificado como razão de sua existência. À semelhança da organização, elementos “imateriais e orgânicos” determinam nosso comportamento afetivo, assim como biologicamente o potencial genético determina a estrutura orgânica da pessoa, a pigmentação da pele, a cor dos olhos, a fisionomia, etc. Por analogia, à semelhança da organização, elementos “imateriais e orgânicos” determinam nossos processos de conhecimento. Então, nós temos pré-condições para a vivência da

afetividade, para formação de estruturas de relações grupais concretas com consciência da finalidade específica dessas vivências. O conhecimento encontra suas pré-condições na mesma origem e tem como fundamento e motivação na afetividade. O conhecimento da Afetividade é, acima de tudo, vivencial e deve teoricamente ser elaborado. Para isso, o Modelo Teórico de Capra é um indicativo para um caminho de investigação que se fará caminhando.

Em primeiro lugar, o padrão de organização ou de configuração das redes de conhecimento de uma pessoa, de um grupo, de uma organização e da espécie hipoteticamente tem seu componente original no código genético. O registro do passado da trajetória do universo como um organismo vivo, a configuração dos conhecimentos que se estabelecem no desencadeamento dos mesmos, tem uma estrutura organizada no DNA, com a disposição originária à vivência na medida em que os fatores internos e externos acionam os instintos humanos, desperta a percepção deflagrando a emoção, a formação dos sentimentos, a constituição do saber integrado em nossa inteligência afetiva, em nossa racionalidade cuja fonte originária é o afeto.

Por analogia podemos indicar a existência de uma estrutura “cognitiva, de natureza imaterial, com uma base corporal e orgânica” (CAPRA, 2002), e que se concretiza em nosso potencial de afeto articulado a partir de nossas informações genéticas, sustentadas em bases químicas, dos nossos sentidos e da sua conseqüente percepção sensível, da emoção, dos sentimentos e do conhecimento elaborado por nossa inteligência afetiva. Por natureza da própria vida, essa estrutura é auto renovável, “auto-poiética” (MATURANA E VARELA: 1987) assim como uma célula viva. Isso significa segundo F. Capra, que a vida existe onde existe uma estrutura material a ela integrada e que lhe dá caráter de realidade viva (CAPRA, 2002). Assim, o conhecimento tem uma base material, corporal, orgânica e racional que permite sua dinâmica e sua expressão carregada de significado.

Causa formal é sinônimo de forma, parte intrínseca do composto que forma o padrão de organização. É determinante e especificadora do que resulta quando colocada em ação. É um potencial que acionado vai dar resultados de acordo com a sua natureza. Ex. uma semente de carvalho é a causa formal da árvore carvalho que surge quando é operado o processo de germinação, nascimento, crescimento, florescimento, frutificação. O potencial de conhecimento inerente à nossa estrutura corporal dos sentidos, instintos, emoção, sentimentos e inteligência, quando colocados em ação, vão resultar no conhecimento da complexidade.

A dimensão principal da forma estrutural e originária ou padrão de organização do conhecimento é a afetividade. Grande parte da estrutura da afetividade situa-se em nosso corpo. Originariamente o potencial afetivo, a capacidade de dar e receber amor, a capacidade de rejeitar, odiar, rechaçar está registrada em nós. O contato com a realidade desencadeia em nosso organismo a série complexa de sensações, emoções e sentimentos oriundos dessa fonte. Esse potencial pode ser expresso e desenvolvido através de processos educativos indutores.

O contato com a realidade de distintas dimensões afeta originariamente esta capacidade de querer, de gostar, de amar ou de sentir o contrário. É através das janelas dos sentidos que entramos em contato com a realidade e expressamos nossas sensações, emoções e sentimentos afetivos e temos os elementos para a construção sistemática do conhecimento. Vamos destacar cada uma dessas dimensões com o sentido que se trata de um ensaio e que, portanto serve para a discussão e manter um processo de construção de conhecimento aberto.

2.2. Dinâmica da Inteligência Afetiva

É o processo vivo da afetividade em ação a partir de uma rede cognitiva. Potencial colocado em ação. -O sistema vivo é ligado a um sistema de autopoiese. A vida se autoproduz: Nos sentidos; nos instintos; na vivência; nas emoções e sentimentos; na razão integrada ao coração na sabedoria.

A segunda dimensão a examinar é o desencadeamento dos processos vivos de organização da relação afetiva em rede, os processos pelos quais a Afetividade se realiza. É a realização dinâmica do padrão de organização na essência viva das relações de afeto da pessoa consigo mesma, com o outro e com o cosmo. Nesse sentido, os sistemas vivos são sistemas cognitivos, nos quais o processo de cognição está intimamente ligado ao padrão de autopoiese. É um sistema cognitivo amplo ligado ao padrão de autoprodução do ser humano, não só uma reprodução biológica, mas de autoprodução da própria essência desse ser de relações afetivas, reprodução do grupo. Assim como os alimentos reproduzem e sustentam a vida em nosso organismo biológico, a Afetividade nutre a existência do próprio ser humano em suas dimensões espirituais e orgânicas. O padrão em rede em si mesmo é considerado imaterial (CAPRA, 2002, 99).

Caracterizada, então, teoricamente como processo, vamos encontrar a dinâmica viva, presente e relacional da Afetividade sempre que se dá a conexão com a realidade no fluxo da vida. A Afetividade viva, vivencial, emocionada, tornada emoção, sedimentada nos sentimentos, expressa numa racionalidade afetiva, é a dimensão mais profundamente dinâmica do fato da vida. A vida é movimento aberto, acontecimento que se concretiza como Afetividade. Criatividade, sexualidade, vitalidade e transcendência.

Em outras palavras, o dinamismo do afeto perpassa nossas células, nosso organismo, nossos sentidos, nossas emoções, nossos sentimentos e nossa inteligência afetiva. Ela tem referência a toda

realidade pertinente ao homem, seja no processo criativo existencial, nos desejos e na satisfação prazerosa de sua realização, no movimento vital do organismo integrado com a dança cósmica plena de sentido, seja na conexão profunda, emocionada e integral do homem com sua própria identidade, com a identidade do outro e com a identidade do universo. No organismo humano, segundo Rolando Toro, a Afetividade é a linha de vivência integradora da expressão e desenvolvimento da criatividade, da sexualidade, da vitalidade e da transcendência humana (TORO, 2002:90) Ela é o processo de integração afetiva, de renovação orgânica e de resgate das condições originárias e naturais da vida em nós.

Isso se traduz, segundo César Wagner,

Em "um sistema de integração afetiva, renovação orgânica e re-aprendizagem das funções originárias da vida". (TORO, *in* GÓIS, 2002:24).

Integração afetiva: significa a integração sutil e plena entre percepção, motricidade, Afetividade e funções viscerais, considerando a Afetividade como núcleo integrador;

Renovação orgânica: manutenção dos processos de renovação e regulação das funções biológicas, gerando mais neguentropia e mais complexidade;

Reaprendizagem das funções originárias da vida: expressão e fortalecimento de um estilo de viver, enraizado nos potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, Afetividade e transcendência; significa resgatar a vida instintiva como fluxo propulsor e orientador do viver (GÓIS: 1999:24).

“Queremos enfatizar que a Biodanza é uma grande obra poética de um poeta que ousou revelar a vida como hierofania, presença do sagrado em todas as coisas do mundo. É uma poética do encontro hu-

mano” (GÓIS, 1999:24). A Biodanza é o processo operacional para resgatar essas condições de vida.

Podemos ver como exemplo que, nessa dinâmica relacional dos seres humanos, a simples presença de uma pessoa pode provocar em nós modificações no tônus muscular, o que “indica que a nível neurofisiológico existe um *continuum* afetivo entre os seres humanos”(TORO, 2002:90).

“Algo interessante é que essas alterações revelam distintos níveis de reciprocidade. Posso sugerir que a percepção do outro provoca respostas que abarcam a totalidade do organismo, e não só as emoções. Os seres humanos são “órgãos receptores e emissores de Afetividade”. Em geral, esse fenômeno é inconsciente, e é por isso que as pessoas amam sem saber verdadeiramente o porquê” (TORO, 2002:90).

A Afetividade é a dimensão essencial da natureza da vida, a primeira característica que se revela no fato de existir. É o transbordar de imenso amor que criativamente se expressa num universo em expansão sempre surpreendente de beleza, de ritmo, de harmonia, de sagrada voluptuosidade. É essa amorosidade que permite um processo de misteriosa organização neguentrópica da vida, renovando-se, reproduzindo-se. É a potência agregadora, cooperativa e organizadora presente desde o caos originário.

É a Afetividade que permeia as relações dos elementos que materializam cada coisa que existe no universo, que engendra e assegura um processo cooperativo de unidade de elementos que constituem a materialidade do cosmo, que dinamiza cada tecido, cada célula em estreita coerência com a outra, com o órgão, com o organismo biológico.

É a Afetividade expressa no toque, no olhar e no cuidado da mãe vinculada, terna e abundante com o bebê que permite a conexão hormonal do sistema cerebral arcaico com o córtex, dando configuração à inteligência afetiva integradora da dimensão emocional e

sentimental do amor com a dimensão da racionalidade que, segundo Piaget, se desenvolverá gradativamente, com o nutriente da afetividade.

É o seio terno e delicado da mãe que dá ao bebê a nutrição orgânica, nutrição que brota do olhar amoroso, do toque de carícia, do movimento delicado e facilita o delineamento, ampliação e desenvolvimento da capacidade perceptiva e sensível dos instintos na criança. Ao nascer, o bebê tem o paladar desenvolvido para degustar do leite materno e, ao mesmo tempo, já tem a disposição orgânica de sucção do seio (SPITZ: 1979).

A visão, o olfato, o tato vão estruturando o potencial perceptivo inerente ao instinto. Assim, o amadurecimento orgânico e sensível do ser humano vai-se dando gradativamente. É com todo o aparato perceptivo em ação e em contato com a realidade que, instintivamente e de forma natural, sentimos atração, empatia ou repulsa e desprazer em relação a um objeto conhecido. É a totalidade do nosso organismo e do nosso ser que desencadeia a capacidade afetiva em nós e permite a vivência efetiva dessa dimensão.

2.3. A Estrutura material resultante

-Do ponto de vista da estrutura material – o processo vital é o processo contínuo da incorporação da estrutura formal: expressão material que ocorre em formação de grupos, em formação de organizações das mais variadas atividades, em documentos formais, em estruturas arquitetônicas como locais dos grupos, em expressões culturais, artísticas e de pensamento filosófico, econômico, político, educacional, familiar.

A estrutura do sistema como a incorporação material do padrão de organização. Trata-se de uma estrutura dissipativa, dinâmica. A dinâmica da Inteligência Afetiva efetivamente resulta:

a) numa ação política integrada de: Mahatma Gandhi na mobilização nacional pela libertação da Índia; Mandela na libertação do Apathait Sul Africano; Chico Mendes na mobilização pela Ecológica e social na Amazônia; Paulo Freire – na articulação da consciência crítica pela Educação...

b) na organização de numerosos grupos de ação Econômica, Política, Educativa, Familiar, Recreativa, Religiosa; Cultural; Artística.

Em terceiro lugar, busca-se identificar o resultado dessas relações afetivas em rede, alguns indicados acima, estruturas que se constituem a partir do potencial afetivo colocado em ação por diferentes fatores internos e externos, induzidos pelo sistema de Biodanza. Trata-se de uma rede viva de relações de afeto que se expressam como modo concreto de ser e de viver, numa integração orgânica pessoal, da identidade, dos grupos, das organizações e das instituições. Repetimos, é o processo vivo como o processo contínuo de incorporação do potencial que se apresenta em nível genético, instintivo, da sua conseqüente percepção, da emoção afetiva, dos sentimentos de amor em geral e da inteligência afetiva integrada de forma orgânica a esse padrão em rede.

A realidade dessa vivência do afeto materializa-se em redes constitutivas de grupos de amizade, de famílias, de fraternidades, de grupos de atividade social, de grupos políticos vinculados a um processo amoroso de dar vigência a processos políticos participativos e qualificadores dos participantes do grupo e da comunidade. Uma instituição e a organização da cultura do afeto origina uma sociedade aberta, nutre e desenvolve uma sociedade do amor.

Segundo Capra (Conexões Ocultas: 2002), um grupo de pessoas que estabelece contatos e cria vínculos dá origem a uma rede de relacionamento em torno de objetivos comuns, de processos comunitários e democráticos de qualificação, formando ali um novo organismo vivo. Onde há um organismo vivo e integrado há uma estrutu-

ra dissipativa, uma abertura para o processo evolutivo, uma flexibilidade para a mudança adaptativa ou de reestruturação, para a consistência e flexibilidade adaptativa e evolutiva dinâmica, evitando a fixidez, a perda de energia e a conexão com os processos criativos, prazerosos, vitais e de harmonização. Reitero, o padrão em redes que os sustenta, considerado em si mesmo, é imaterial (CAPRA, 2002: 101).

Uma organização permeada pela Afetividade apresenta uma estrutura flexível, uma estrutura dissipativa, dimensão pela qual é possível um processo dinâmico, aberto para a transformação ativa, propiciado pela natureza das relações de afeto: estreitamento relacional, proteção, cuidado, nutrição, acolhimento, compartilhamento, alegria que brota da vida e se manifesta em gestos e cerimoniais comemorativos. A natureza dos vínculos dá à organização as características de um ser vivo: a capacidade de renovação e de autoprodução criativa, a potencialização de sua capacidade criativa, a potencialização da capacidade política de unidade e consistência do grupo na cumplicidade em torno da qualificação, da autonomia, da capacidade de ação potencializada em todas as direções. Segundo a hipótese de F. Capra (2002), esses fenômenos ocorrem nas organizações que se constituem em organismos vivos. De modo geral, as organizações no Ocidente tendem à rigidez piramidal, autoritária, sem vida, que são frágeis às turbulências da globalização.

A estrutura dissipativa não está relacionada à desagregação e, sim à possibilidade aberta de novas formas de ser, de viver e de se relacionar. Isso graças a múltiplos elos de realimentação constitutivos do processo nutritivo do organismo, do grupo. Isso possibilita a incorporação dinâmica do novo sem perder a natureza constitutiva da relação, sendo possível a mudança, a evolução.

O processo característico das estruturas dissipativas das organizações, dos grupos, permite o surgimento espontâneo de soluções novas e criativas em momentos de crise e de mobilização dessas

relações e dessas estruturas. É a potencialização da capacidade criativa do conhecimento. A reflexão e a preocupação conjunta permite o surgimento de novas ideias, assim como das soluções políticas, da auto nutrição originária desse espaço de vida intensificado pelo vínculo afetivo.

Estamos falando da materialização estrutural do processo vivo das relações afetivas que se instauram a partir do contato, do vínculo, da articulação dos indivíduos e das suas organizações, dando origem às organizações como grupos de convívio, grupos de trabalho, cooperativas, sindicatos e qualquer outra organização instituída como a família, escola, etc.

A maior estrutura que materializa essa vivência entre as pessoas é a formação da rede viva de relações e que tem seu suporte, como afirmamos antes, em nossa natureza orgânica, corporal, visceral, sensível e racional. Na estrutura genética das nossas células, situam-se as informações que dão a formatação para o estabelecimento de contatos e formação de vínculos. Nossos sentidos, deflagrados por ecofatores, dão forma concreta e sensível à percepção da realidade. Com esse ingrediente, é deflagrada nossa emoção e estabelecido o processo de constituição dos sentimentos de afeto que terão, por sua vez, influência direta sobre a formação do pensamento.

A rede viva e concreta de relações passa pelas expressões do nosso olhar, do toque, da carícia, do abraço, do cuidado... que são expressões materiais dessa realidade imaterial constituída de emoções, sentimentos, empatia ou repulsa. Assim se constituem, como dissemos, os distintos grupos ou organismos vivos que integram um conjunto de pessoas. Nesta materialização das relações afetivas, surgem as distintas formas de pares e grupos.

Diversas formas de Afetividade formam a rede viva das relações: o contato é mediação para o vínculo cuja natureza é o cuidado, a proteção, a amizade, o amor, a ternura, a qualificação, a amizade, a

empatia, a fraternidade, a solidariedade, a compaixão, a fraternidade, a maternidade, o amor diferenciado e o amor indiferenciado envolvendo a identidade consigo mesma, com a identidade do outro e com a identidade do cosmo.

Entre o padrão da organização das relações de afeto e sua incorporação na estrutura aberta em rede que permitem a sua vigência, está o processo vivo dos contatos, dos vínculos, a Afetividade como acontecimento afetivo nas relações de pessoas, grupos e organizações afins. É o processo vital como processo contínuo dessa incorporação. É essencial entender que o padrão de organização da Afetividade no homem tem forma de uma rede autogeradora. Nossa capacidade afetiva advém dessa potência de amar que emana da fonte da vida em nós e, sempre geradora, se autoproduz.

Se nos sistemas biológicos a estrutura material de um sistema vivo é uma estrutura dissipativa, as estruturas que materializam as relações e vivências das emoções e dos sentimentos afetivos humanos são, pela natureza do afeto, essencialmente abertas. Quando começa um processo de rigidez e inflexibilidade, as relações passarão a entrar na esfera patológica. O afeto é uma relação criadora, renovadora, reguladora e integradora. Tem a dimensão do permanentemente novo e surpreendente. O afeto é cercado de erotismo, sensualidade, criatividade, vitalidade e realização. Podemos dizer que as quatro dimensões (forma, matéria, processo e sentido) da Afetividade, funcionam por um processo complexo em rede. No exemplo do metabolismo de uma célula apresentado por F. Capra, podemos esclarecer esta idéia:

Consiste em uma rede (forma) de reações químicas (processo), que envolve a produção dos componentes da própria célula (matéria) e respondem cognitivamente, ou seja, através de mudanças estruturais autodeterminadas (processo) às perturbações do ambiente. Do mesmo modo, o fenômeno do surgimento espontâneo é um processo

característico das estruturas dissipativas (matéria), que envolve múltiplos elos de realimentação (forma) (CAPRA, 2002:84).

No caso de uma organização social ou sistema social, segundo este autor, o elemento central em qualquer análise sistêmica:

[...] é a ‘noção de organização’ ou ‘padrão de organização’. Os sistemas vivos são redes autogeradoras, o que significa que o seu padrão de organização é um padrão em rede no qual cada componente contribui para a formação dos outros componentes. Essa ideia pode ser aplicada ao domínio social, desde que as redes vivas de que estamos falando sejam identificadas como redes de comunicações (CAPRA, 2002:102)

Capra acrescenta um significado suplementar às organizações (empresas, organizações políticas). Os sistemas sociais produzem estruturas materiais e imateriais, como organogramas e regras de comportamento que facilitam a tomada de decisões no exercício do poder e corporificam o exercício do poder.

Com certeza, não é fácil compreender a aplicabilidade dessa epistemologia ao fenômeno da Afetividade. Primeiro, reconhecemos que, se a Afetividade se expressa como fenômeno de agrado, cuidado, empatia, compreensão, solidariedade, respeito, etc., é um fenômeno que brota de um “padrão de organização” sistêmica que tem as características de uma cognição prévia, instaurada e pré-disposta na estrutura genética, na rede de instintos que reagem por fatores internos ou externos a nós. Essa realidade, como dissemos, tem a forma de uma rede e, diríamos, de uma fonte, de um manancial de onde surge a energia que produz e sustenta a rede de relações por meio do contato e do vínculo consequente. No padrão de organização do afeto, há estruturas materiais, genéticas, instintivas, viscerais, orgânicas; portanto, estruturas imateriais de valores, de certas normas culturais, e também de sensibilidade, desejos que são deflagrados em forma de

vivência, de emoção e de sentimentos efetivos e vigentes de amizade, fraternidade, solidariedade, compaixão.

Avançando um pouco mais na nossa abordagem, há formas concretas, organizacionais e comportamentais que materializam a rede de relações. Porém a experiência ou a vivência originária é determinante sobre a organização e vigência dessas relações. O processo de incorporação e atualização do potencial afetivo, desencadeado e deflagrado pelos fatores presentes, particularmente os mais potentes como a presença do outro guarda, incrível possibilidade do novo, facilitando às relações pessoais e de grupo infinita possibilidade criativa de expressão e movimento, mas uma estrutura aberta e dinâmica, permitindo as mudanças e uma solidez maior nos vínculos, uma efetiva mudança na qualidade de vida originária dessas vivências construtivas, formadoras e integrativas da identidade pessoal, de grupo e de organização.

Começando a integrar os quatro elementos do modelo teórico, vemos que: A dimensão do significado da vivência da Afetividade, última dimensão dessa estrutura complexa de conhecimento é também a *“renovação orgânica e o resgate das condições originárias da vida em nós”*. As ideias, valores, saberes, crenças nascidas dessa vivência constituem estruturas de significado ou “estruturas semânticas” afetivas. Essa estrutura semântica e os padrões de organização da rede afetiva,

Corporificam-se fisicamente em alguma medida no cérebro dos indivíduos que pertencem à rede. Podem também se incorporar em outras estruturas biológicas por meio de efeitos da mente sobre o corpo [...] (CAPRA, 2002:103).

E o físico acrescenta que:

Descobertas recentes das ciências da cognição nos dão a entender que, como a mente é sempre encarnada, ou corporificada,

existe uma interação contínua entre as estruturas semânticas, as neurais, e outras estruturas biológicas (CAPRA, 2002:103).

A natureza das relações afetivas pode gerar novas formas de ser e de viver, uma nova cultura do amor, com expressão em todas as dimensões das organizações sociais e culturais. Claro que a tendência da ordem cultural é cristalizar-se e perder a abertura flexível e criativa para o novo e surpreendente conteúdo da vivência afetiva. Entrar em contato profundo com a vida do outro nos mobiliza, além de qualquer explicação ou justificativa, a um impulso de amor solidário, fraterno, de compaixão. É aí o nascedouro da ética. Essa ética organizada e incorporada na cultura torna-se moral e pode perder a dinâmica da vida da qual ela nasceu. Na maioria das culturas distintas das culturas indo-europeias, viviam-se estruturas sociais e organizações culturais que se integravam de forma mais conectada e amorosa com a vida no planeta, expressavam esse cuidado pela vida no cuidado com a comunidade, onde não havia fome, miséria, marginalidade, exclusão.

2.4. Sentido e significado da Inteligência afetiva: Um olhar para os horizontes da vida

A Ação Amorosa: criação de vínculos nutritivos e sustentadores dos movimentos de libertação

A Ação Ética: Prática efetiva da justiça em todas as suas dimensões;

A Ação Estética: A criação e expressão da beleza

As mudanças estruturais desse padrão em rede são compreendidas como processos cognitivos que, por fim, dão origem à experiência consciente e ao pensamento conceitual. Nenhum desses fenô-

menos cognitivos é material, mas todos são incorporados, decorrem num corpo – nascem de um corpo e são moldados por ele. Isso significa que a vida nunca está separada da matéria, muito embora suas características essenciais – organização, complexidade, processos, etc – sejam imateriais (CAPRA, 2002:103) Contudo, podemos afirmar que a expressão da Afetividade passa sempre pela corporeidade. Um olhar de ternura, de raiva, de ódio; um toque de cuidado, de carícia, um abraço com desvelo, um presente, uma fala de qualificação; um ato de amor, de entrega, de fusão tem sempre uma expressão corporal, expressão material.

Por isso também, para Capra, a compreensão sistêmica da vida, e eu acrescento, da Afetividade, pode ser aplicada ao domínio social, acrescentando o ponto de vista do significado aos outros três pontos de vista. Significado = expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva, possui uma multiplicidade de características inter-relacionadas (CAPRA, 2002:103).

Nessa quarta dimensão de abordagem sistêmica trata-se de considerar o significado da Afetividade na vida humana como fator de integração em todas as dimensões da realidade em que se expressa dinamicamente. Esse fator de integração é o afeto. A Afetividade não é um organismo vivo, mas a primeira e grande característica da vida, expressa como potencial no ser pessoal e num grupo humano. A vivência da Afetividade é momento originário e constitutivo de relações que tendem a se estabilizar e formar um modo de ser e de viver, uma cultura em rede.

No fenômeno social nos deparamos com regras de comportamento, valores, intenções, objetivos, estratégias, projetos, relações de poder que ocorrem praticamente no mundo humano. Partilham todas de uma característica básica que nos proporciona um vínculo natural com a visão sistêmica da vida (CPRA, 2002: 86).

A autoconsciência surgiu na evolução dos nossos antepassados hominídeos, junto com a linguagem, o pensamento conceitual, o mundo social dos relacionamentos organizados e da cultura. A consciência reflexiva está ligada à da linguagem e do contexto social desta e também, a compreensão da realidade social está inextricavelmente ligada à da consciência reflexiva. (CPRA, 2002: 86).

Especificamente:

A nossa capacidade de reter imagens mentais de objetos materiais e acontecimentos parece ser uma condição fundamental para o surgimento das características fundamentais da vida social. A capacidade de reter imagens mentais nos habilita a escolher entre diversas alternativas, o que é necessário para a formulação de valores e de regras sociais de comportamento. Os conflitos de interesse baseados na diferença de valores, estão na origem das relações de poder. As intenções, a consciência de uma finalidade e os projetos e estratégias necessárias para a consecução de objetivos – todas essas coisas exigem a projeção de imagens mentais para o futuro (CAPRA, 2002: 86).

O mundo interior dos conceitos, ideias, imagens e símbolos é uma dimensão essencial da realidade social e constitui o “caráter mental dos fenômenos sociais”, “dimensão hermenêutica” (CAPRA, 2002:86). A linguagem humana, por ser simbólica, envolve a comunicação de um significado e as ações humanas decorrem de um significado que atribuímos a um ambiente que nos rodeia. O fator essencial de conhecimento que nos leva a atribuir um significado a tudo o que nos rodeia é a Afetividade. Por todas as coisas pelas quais somos tocados, somos mobilizados à aceitação, ao agrado, à empatia ou à rejeição.

Nesta dimensão de significação consciente e vivencial, aborda-se o sentido da Afetividade, desse todo vivido, conscientizado, tornado expressão racional e poético-vivencial. Um sentido que se efetiva na satisfação ou crescente ampliação de uma qualidade de

vida, um sentido de abundância e de saciedade que brota do mais profundo da natureza afetiva do nosso ser.

Esses são os **quatro pilares epistemológicos** para o estudo da realidade da Afetividade, sugeridos e elaborados por F. Capra para a abordagem das organizações sociais. Para nosso entendimento, são assim instrumentos para uma abordagem sistêmica e complexa do fenômeno genético-orgânico-vivencial e racional da Afetividade, uma vez que é ela que dá o caráter primeiro e integrador de organismo vivo a qualquer organização permeada pelo amor.

O significado ou o sentido da Afetividade na vida e nas redes de relações é captado pelas exigências naturais internas do ser afetivo, pela nossa capacidade reflexiva sobre nossas vivências e experiências, permitindo perceber que o sentido fundamental é a Integração Afetiva da Identidade na ontogênese de nosso ser, através da expressão e desenvolvimento dos potenciais humanos de criatividade existencial, de vitalidade, de conexão dos desejos mais profundos e da realização prazerosa de nossas ações. É ainda a realização das nossas conexões profundas conosco mesmo, com os outros e com a totalidade da realidade. Na troca afetiva, a possibilidade da abundância da vida em plenitude em todas suas dimensões.

RECOMENDAÇÕES DE BIBLIOGRAFIA

SIGNOR, Dorli. Para além da pele, mas não sem a pele. Santa Maria: Gráfica e Editora Palloti, 2004.

SIGNOR, Dorli. O Concebido, santa Maria: Gráfica e Editora Palloti, sd.

TORO, Rolando. Educação Biocêntrica. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. InterationalBiocentricFundation.

CAVALCANTE, Ruth. Educação Biocêntrica: aprofundando e ensinando a pedagogia do encontro. Cadernos Rolando Toro: vivenciando a Biodanza n. 1 204 – p. 35-56.

FLORES, Feliciano. Por uma educação centrada na vida. Revista Pensamento Biocêntrico www.pensamentobiocentrico.com.br

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. A Educação Integrada à Vida. Porto alegre: Evangraf, 2002.

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. Afetividade: Convergência entre Educação Biocêntrica e a Educação dialógica de Paulo Freire. Revista Pensamento Biocêntrico, www.pensamentobiocentrico.com.br

DALLA VECCHIA, Agostinho M. Pensamento Pedagógico Biocêntrico. Editora e Gráfica Universitária UFPEL, Pelotas 2009.

BOFF, Leonardo. Princípio de Compaixão e Cuidado. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TORO, Rolando. Biodanza, São Paulo: Editora Olavobrás / EPB, 2002

GÓIS, Cezar Wagner de L. - "A Vivência - caminho à identidade" - Ceará - Viver 1995.

GÓIS. Cezar Wagner de L., Biodanza: Identidade e Vivência. Edições Instituto Paulo Freire do Ceará: Fortaleza, 2002.

CAPRA. Fritjof, 0 Ponto de Mutação, são Paulo, Ed. Cultrix, 1982.

MORIN. CURANA. MOTA, Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez Editoras, 2003. Os desafios da Era Planetária. P. 61-96.

CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável, são Paulo: Cultrix, 2002

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro, São Paulo: Cortez Editoras, 2002.

TORO, Rolando. O Princípio Biocêntrico. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. InterationalBiocentric-Foundation.sd

TORO, Rolando. Modelo Teórico. Educação Biocêntrica. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. InterationalBiocentricFundation.Sd

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento -As bases biológicas do entendimento humano. Campinas, Editorial PSY 11, 1995 (orig. esp. 1985).

MATURANA, Humberto e Varela, Francisco, A árvore do conhecimento. Campirui-SP. Psv, 1987.

MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-Feita. Repensar a reforma – reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. JACOBINA, Eloá (trad.), 2000.

ZANOTELLI, Jandir. América Latina: raízes sócio-político-culturais. 2.ed. Pelotas: Educat, 1999

http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/168_dez03/html/falamestre

Humberto Mariotti As Paixões do Ego: Complexidade, Política e Solidariedade (São

ALMEIDA, Maria da Conceição de. “Complexidade, do casulo à borboleta”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). Ensaios de complexidade. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 21 a 41].

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 4. ed., Campinas, SP: Papirus, 2001.

ANTUNES, Celso. O lado direito do cérebro e sua exploração em aula. 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane Nogueira de. Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1997.

BALANDIER, Georges. A desordem: elogio do movimento. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARBOSA, Hélia. “Abuso e exploração sexual de crianças: origens, causas, prevenção e atendimento no Brasil”. In: Inocência em perigo: abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na Internet. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. [Pgs. 24 a 41).

BOFF, Leonardo. “Identidade e complexidade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). Ensaio de complexidade. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 55 a 67].

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. 34. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BUBER, Martin. EU e TU. 8. ed., São Paulo: Centauro, 2001.

CAVALCANTE, Ruth. Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica. Fortaleza, CE: Edições CDH, 2001.

ESTATUTO DE PO+ÉTICA PARA CRIANÇAS. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação: Divisão de Educação Fundamental, 2002.

FINKIELKRAUT, Alain. A humanidade perdida: ensaio sobre o século XX. São Paulo: Ática, 1998.

FREI BETTO. “Indeterminação e complementaridade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). Ensaio de complexidade. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 42 a 48].

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). História social da infância no Brasil. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1997.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Vivência: caminho à identidade. Fortaleza: Editora Viver, 1995. [Pgs. 47 a 93].

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JACUPÉ, KakaWerá. A terra dos mil povos. 3. ed., São Paulo: Peirópolis, 1998.

_____. Tupã Tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

KOHAN, Walter O. Infância. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LANE, Sílvia T. M e ARAÚJO, Yara. Arqueologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LELOUP, Jean-Yves. O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial. 7. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LOURO, Guacira L. (Org.). O corpo educado: pedagogia da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz T. da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAFFESOLI, M. A transfiguração do político: a tribalização do mundo. Tradução de Juremir M. da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. No fundo das aparências. Tradução de Bertha Halpern-Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MATURANA, Humberto. A ontologia do ser. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto e VERDEN-ZÖLLER, Gerda. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

_____. Emoções e linguagem na educação e na política. Tradução de José F. C. Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. A ontologia da realidade. Tradução e Organização Cristina Magro [et al.]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

_____. Formação humana e capacitação. 3. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. 8. ed., Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. Educar na biologia do amor e da solidariedade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Organização e Tradução Paula Yone Strob. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. “Complexidade e ética da solidariedade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). Ensaio de complexidade. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 07 a 20].

_____. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____. O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002a.

_____. Terra-Pátria. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002b.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. Amor, poesia, sabedoria. Tradução Edgar de Assis Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ORTEGA Y GASSET. Uma crítica da razão pedagógica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PAUL, Patrick. “A imaginação como objeto de conhecimento”. In: CETRANS. Educação e transdisciplinaridade II. São Paulo: TRIOM, 2002. [Pgs. 123 a 156].

RANDOM, Michel. “O território do olhar”. In: CETRANS. Educação e transdisciplinaridade II. São Paulo: TRIOM, 2002. [Pgs. 27 a 44].

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. Tradução Lygia Araújo W. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOARES, Carmem Lúcia e FRAGA, Alex Branco. “Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas”.

das”. In: Pro-Posições. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. – Campina, SP: v. I, n. I, mar/ 1990. [Pgs. 77 a 90].

SOUSA, Ana Maria Borges de. Infância e violência: o que a escola tem a ver com isso? Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Tese de Doutorado). [Pgs. 59 a 74; 83 a 90].

TEDRUS, Dora M. de A. Sousa. A relação adulto-criança: um estudo antropológico em creches e em escolinhas de Campinas. Campinas, SP: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1998. [Pgs. 09 a 54].

TORO, Rolando. Coletânea de textos para a Biodanza. Inéditos.

TORO, Rolando. Inconsciente vital e princípio biocêntrico. Santiago: International Biocentric Foundation, 2003.

TORO, Rolando. Biodanza. 2. ed., São Paulo: Editora Olavobrás, 2005.

TORO, Rolando. A vivência. Santiago: International Biocentric Foundation, 2004.

VARELA, Francisco J. Etica y acción. Santiago do Chile: Dolmen Ediciones, 1991.

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. A educação integrada à vida: analética e visão biocêntrica – distinções e convergências. Pelotas: Edição Independente, 2002.

Fonte: <http://www.geocities.com/complexidade/introd.html>

SOARES, Edson Garcia Facilitador e didata em Biodanza pela International Biocentric Foundation

http://www.jperegrino.com.br/Terapias/o_principio_biocentrico.htm